

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 4, n. 8, 2016

Prof. Pedro de Santi

Prof. Andrey Mendonça

Profa. Clarissa Rahmeier

Prof. Guilherme Umeda

Profa. Christiane Trindade

Prof. Carlos Frederico Lucio

EU E O OUTRO NA CIDADE

A man in a dark leather jacket and blue jeans walks on a wet city sidewalk at night. He has a cigarette in his mouth. In the background, a yellow taxi is driving on the wet street, reflecting the city lights. The street is lined with buildings and various signs, including 'ORPHNUM', 'JANTAL', 'BIG SPECTACLE', 'BIG EXCITEMENT', 'BIG CIRCUS DRAMA', 'THE BIG SHOW', 'CINEMASCOPE COLOR', 'QUORAS', 'STARRS', 'ORIENTAL', 'THE GIANT', 'CHILD', 'BAR', 'HAROLD', 'NO PARKING', 'ONE WAY', and 'DANCE TO-NIGHT'. The wet pavement reflects the lights from the buildings and the taxi.

Discussion
Paper |



ISSN: 2448-0932

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias
Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz
Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha
Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Carlos Frederico Lucio

Cristina Helena Pinto de Mello

Denise Fabretti

Fabio Mariano Borges

Ismael Rocha

João Osvaldo Schiavon Matta

Luiz Fernando Dabul Garcia

Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

Discussion
Paper

ESPM

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico. O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores, que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Mais informações em: <http://discussionpaper.espm.br/>.

Apresentação do debate 5

O ensaio como estratégia reflexiva 6

Pedro de Santi

A sala de aula como espaço do medo e da intolerância 9

Andrey Mendonça

Redesconstruindo Eu 12

Clarissa Sanfelice Rahmeier

O outro no imaginário 16

Guilherme Mirage Umeda

A cidade como habitat do homem comum 19

Christiane Coutheux Trindade

Ciências sociais hoje 22

Carlos Frederico Lucio



APRESENTAÇÃO DO DEBATE

Um livro de ensaios é uma espécie de exposição sem medo. E sem certezas. Porque, nele, sempre cabem diferentes versões. Por essa razão, ensaios provocam discussões, com todos os esses necessários. Foi esse o espírito do debate que acompanhou o lançamento do livro “Eu e o outro na cidade”, do professor da ESPM, **Pedro de Santi**,

Aliás, na apresentação que fez do livro, o professor Pedro lembrou que Montaigne foi o criador desse estilo, o ensaio, típico do ambiente cético do Renascimento. Em uma época como a que vivemos, em que tantos se dispensa a dúvida, é conveniente a discussão sobre “incertezas”. Com o exato clima de uma “feira de rua”, ambiente perfeito para pensar o “outro” no feroz tumulto da cidade.

Os participantes do debate, professores da ESPM, avançaram em diferentes aspectos da discussão sobre a “incerteza”. O professor **Andrey Mendonça** pensou na intolerância na sala de aula, a professora **Clarissa Rahmeier** na desconstrução do eu, o professor **Guilherme Umeda** no outro no imaginário, a professora **Christiane Trindade** no habitat do homem comum e o professor **Carlos Frederico Lucio**, nas Ciências Sociais hoje.

Segue a transcrição e a edição desse debate.

O ENSAIO COMO ESTRATÉGIA REFLEXIVA

Pedro de Santi

“Pintando-me para os outros, pinte a minha alma com cores mais nítidas do que a apresentava primitivamente. Fez-me o meu livro, mais do que eu o fiz; e autor e livro constituem um todo; é estudo de mim mesmo e parte integrante da minha vida”.

Montaigne

Decidi preparar uma breve palestra de apresentação, por ocasião do lançamento do meu livro *Eu e o outro na cidade* (Editora Zagodoni). Ele ocorreu junto com um evento com o mesmo nome, com a apresentação de textos e trabalhos de professores e alunos de vários cursos da ESPM..

Na palestra, além de falar das questões de identidade/alteridade, tolerância/intolerância, que deram origem ao livro, decidi falar sobre o estilo que adotei para escrever nos Blogs onde os textos foram originalmente publicados.

Evoquei então os *Ensaíos*, de Michel de Montaigne (a primeira edição ocorreu em 1580), obra que admiro muito e que foi um de meus objetos de análise no doutorado (ao lado da obra de Freud).

Montaigne criou este estilo de escrita em meio ao ambiente cético do Renascimento. Todo o sistema medieval entrara em crise, um novo Homem vinha sendo gerado, em meio a incerteza, a um ideal de liberdade, e a um mundo novo, cheio de descobertas trazidas de um mundo cada vez mais percebido como enorme e diverso. Polifonia (muitas vozes) é a música da época; feira de rua é seu espírito. Cada homem põe-se agora a pensar e ter que decidir e se responsabilizar por seus atos. E entre incertezas que o movimento da vida se dá.

Montaigne então recolheu-se ao Chateau que leva seu nome, depois de uma carreira política em Bordeaux e da morte do pai. Lá, ele passa a década seguinte escrevendo e, inevitavelmente, reescrevendo seus ensaios.

A incerteza, o ceticismo, o relativismo; nada disso o conduz à inação ou paralisia. Pelo contrário, este o ambiente o lança no movimento incerto da construção de si. Jean Starobinski, em seu belo livro *Montaigne em movimento* (Cia das Letras, 1993), diz que o movimento de céticos como Montaigne seria o seguinte: ele parte de umas suspeita sobre a realidade aparente e a crítica, distanciando-se; mas ele não encontra ponto transcendente (Deus, natureza, sujeito transcendente) onde se apoiar e desde onde se

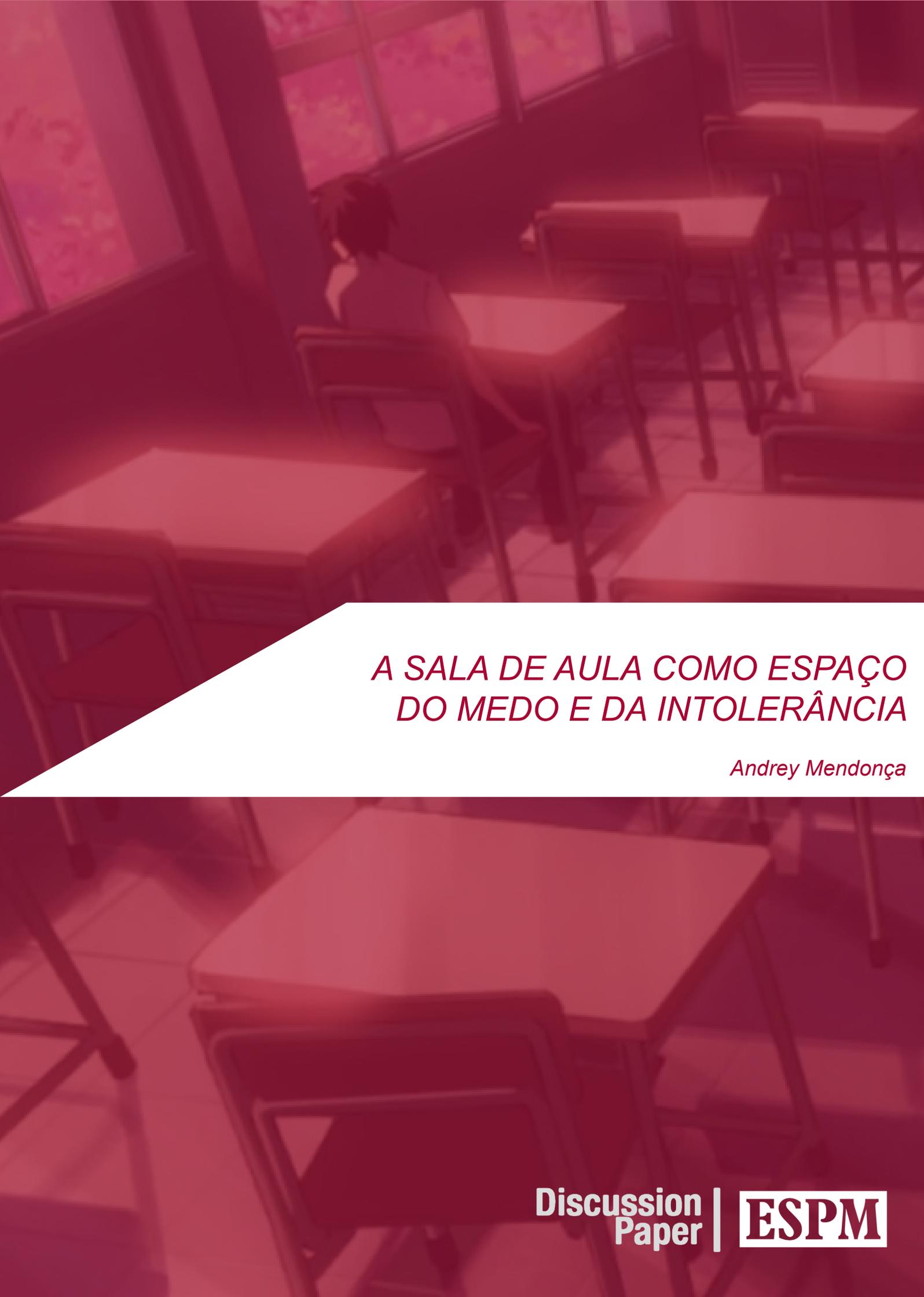
colocar como detentor de uma verdade superior; cético, ele retorna então ao mundo das aparências e opiniões, com a consciência de que este mundo é tudo de que dispomos. Então ele age e opina, em meio a incerteza, sem pretender medir ou legislar, sem levar os sistemas de conhecimento por demais a sério. Tudo é opinião, afinal. Este ceticismo é um lançar-se ao risco, assumindo a própria responsabilidade, e uma condição de tolerância: quem concebe constantemente poder estar errado pode ser acolhedor as opiniões dos outros, ao invés de defender as suas como se fossem verdades absolutas.

O ceticismo não é um relativismo imóvel, mas uma ação reflexiva e em risco, a procura de aprendizado com a experiência e com o outro.

Cito abaixo uma de minhas passagens favoritas dos Ensaaios, onde seu método e motivo são explicitados:

“Outros autores têm como objetivo a educação do homem; eu o descrevo. E o que assim apresento é bem malconformado. Se o tivesse de refazer, faria-o sem dúvida bem diferente. Acontece que já está feito. Os traços deste seu retrato são fiéis, embora variem e se diversifiquem. O mundo é movimento; tudo nele muda continuamente. Não posso fixar o objeto que quero representar: move-se e titubeia como sob o efeito de uma embriaguez natural. Pinto-o como aparece em dado instante, apreendo-o em suas transformações sucessivas. Eu não pinto o ser, eu pinto a passagem. É pois no momento mesmo em que o contemplo que devo terminar a descrição [é preciso acomodar minha história à hora]; um instante mais tarde não somente poderia encontrar-me diante de uma fisionomia mudada, como também minhas próprias idéias possivelmente já não seriam as mesmas. Observo e anoto os diversos acidentes que ocorrem dentro de mim e as concepções mais ou menos fugidias que minha imaginação engendra, as quais são por vezes contraditórias ou porque tenha mudado eu, ou porque o objeto da observação apareça dentro de um quadro e de uma luz diferentes. Daí acontecer-me, não raro, cair em contradição, embora não deixe de ser autêntico. Se minha alma pudesse fixar-se, eu não seria hesitante; falaria claramente; como um homem seguro de si. Mas ela não pára e se agita sempre à procura do caminho certo. Se minha alma pudesse tomar pé eu não ensaiaria, eu me decidiria: ela está sempre em aprendizagem e à prova. Cada homem traz em si a forma inteira da condição humana”.

Para um psicanalista como eu, está tudo aí: incerteza, desejo, movimento. Sobretudo, condição humana expressa especificamente numa experiência singular. “Por grande que seja a variedade das folhas, chamam a tudo salada”, diz Montaigne; a esta busca comum pela conhecimento universal, ele opõe o valor daquilo que chama de “o brilho do ordinário”.



*A SALA DE AULA COMO ESPAÇO
DO MEDO E DA INTOLERÂNCIA*

Andrey Mendonça

Discussion
Paper |

ESPM

*“Posso não concordar com nenhuma das palavras que você diz,
mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las”.*

Voltaire

Gostaria de compartilhar um sentimento, que não advém de uma simples experiência estética com o mundo, mas de uma percepção no exercício do magistério. Compreendo que em nossos dias, a figura do professor está em transformação: de uma espécie de guia do caminho da sabedoria para os ignorantes, à um papel de facilitador de um diálogo com as diversas formas do saber.

De certa forma, isso afeta a nossa postura em sala de aula, antes local de silêncio absoluto dos estudantes no qual apenas a voz do mestre se fazia ouvir, e que agora é um *locus* de discussão, debate e construção coletiva do conhecimento. Se no passado, os estudantes eram avaliados pelo seu bom ou mau comportamento, agora o são ou pela capacidade de desenvolver um raciocínio lógico e coerente ou por reproduzirem um discurso hermético cuja fonte são postagens nas redes sociais.

É justamente esse o ponto de partida de nossa observação. No caso, não importa tanto a ferramenta pedagógica utilizada: se a maiêutica socrática, se a dialética hegeliana ou a redução eidética fenomenológica; um fato é cada vez mais comum nas discussões: não há diálogo! Pois, para havê-lo, seriam necessários alguns pressupostos básicos entre os que acordam em fazê-lo como o reconhecimento mútuo de nossa condição humana, da vulnerabilidade à qual a exposição de ideias nos impõe, do lugar de fala de cada pessoa, do pano de fundo de cada discurso e do equilíbrio entre lógica, retórica e repertório.

O medo é constitutivo da nossa humanidade, primordialmente, nos deparamos com a condição de finitude, a morte. Hoje, num mundo moderno, tecnológico e conectado temos medo da exposição, apesar de a todo instante alimentamos as redes sociais com nossa intimidade. Na sala de aula, no enfrentamento real do outro e de sua alteridade, tememos nos expor, especialmente se nossas opiniões, reflexões ou pensamentos não se encaixam nos padrões contemporâneos do “politicamente correto” ou daquilo que é aceito, sem reflexão, através dos modismos lançados, dia após dia, nas redes sociais.

Disso, decorre o fato que muitos professores e estudantes ou só falam de amenidades, ou não aprofundam questões importantes que tocam o solo do cotidiano. Medo gerado por um ambiente intolerante! Expressão estigmatizada como discurso conservador, de direita ou reacionário.

Intolerância pode ser definida como “intransigência contra pessoas que têm opiniões, atitudes, ideologia, crenças religiosas etc. diferentes da maioria”. A intolerância, neste sentido, impede o diálogo, a exposição de ideias antitéticas, imprimindo um caráter homogêneo falso à um grupo; no caso, estudantes que deveriam aprender a lidar com as diferenças num mundo cada vez mais plural.

Tolerar não significa aceitar a postura ou a ideologia do outro, mas reconhecer que, no jogo democrático, o espaço do diálogo é garantido a todas as pessoas, que a violência ideológica não tem partido ou bandeira e que qualquer pensamento hegemônico ou totalitário leva, necessariamente ao medo, ao obscurantismo intelectual e ao não reconhecimento do outro em sua alteridade e humanidade.



REDESCONSTRUINDO EU

Clarissa Sanfelice Rahmeier

Discussion
Paper

ESPM

Há várias formas de falar sobre o Eu e o Outro na cidade, e a coletânea dos trabalhos aqui apresentados ilustra bem isso. As teorias a respeito desse tema são relevantes, necessárias, fundamentais... elas nos tiram da mesmice que acomoda, que estagna, que julga. A partir de recortes teóricos e de minha própria vivência, proponho aqui uma reflexão sobre a nossa experiência sob o constante olhar do Outro - olhar, aqui, é sinônimo de escrutínio, de julgamento.

Todos pensamos em como seríamos olhados hoje. Como professores e alunos, elaboramos nossas falas, ilustrações, vídeos, textos, selecionamos e cortamos cenas pensando no olhar do Outro. Somos constituídos pelo olhar do Outro, desde sempre, ao longo de toda nossa vida, dando maior ou menor ênfase a esse olhar dependendo da fase em que nos encontramos. Acontece que hoje em dia, na cidade que não pára, que valoriza e premia a rapidez, o olhar do Outro se sobrepõe à essência do Eu com maior facilidade. O olhar do Outro desconstrói o Eu, e o reconstrói também. O olhar *redesconstrói*, expressão que dá título a esta reflexão - expressão um tanto bobinha, é verdade, mas acho que válida na medida em que faz alusão a esse processo de constante mudança do Eu frente ao olhar do Outro.

O olhar do Outro salta à minha frente e me analisa; conclui o que é processo; pontua o que são reticências; rotula o que não está pronto. E como esse olhar só enxerga o que vê, o corpo visível se torna a referência para o julgamento. O corpo do Eu, aos olhos do Outro, é o Eu em si. Na pressa da cidade que exige uma opinião rápida sobre tudo, treinamos nosso olho para dar um veredito sobre o Outro já ao primeiro contato. O problema é que essa definição alheia, dada pelo Outro como certa, entra em choque com a definição que o Eu dá a si mesmo. A auto-identificação e o olhar do Outro nem sempre dialogam.

Percebo em trabalhos de alunos que esse é um tema recorrente e relevante para eles. “Aparência X essência no mercado de trabalho”, “aparência X essência nas redes sociais”, “aparência X essência nas festas da ESPM”, “nas academias de ginástica”, “nos blogs” e por aí vai... E o julgamento quase sempre pende para o lado negativo. Vestir o corpo para parecer séria e recatada não vale: tem que vestir o que o Eu pede. Se “montar” para ir uma festa não vale: é fuga, tem que vestir a subjetividade. Parece traição ou hipocrisia quando o corpo aparente, por sua forma ou adereços, não condiz com a “verdade”.

Por outro lado, todos querem ser lidos corretamente pelo olhar do Outro, e o corpo “vai na frente” quando o Eu precisa se apresentar. Como proposto por Costa em *O Vestígio*

e a *Aura* (2005), a personalidade somática, ou cultura somática, tem na imagem social do corpo o suporte, por excelência, do caráter ou da identidade. Mas uma coisa é quando a aparência é elaborada para transmitir uma essência - caso das redes sociais ou vestimentas de trabalho ou produção para baladas. Outra coisa é quando a essência é aniquilada pela aparência de forma não voluntária.

Tenho certeza de que todos nós somos julgados; e que muitas vezes somos mal lidos, erroneamente entendidos pelo olhar do Outro. Acontece toda hora quando eu olho o Outro. Acontece toda hora quando sou olhada. “Vou de unha pintada para parecer caprichosa, mas não dessa cor para não parecer fútil” - pequenas decisões que tomo me constroem perante o Outro. E quando uma barriga imensa se torna o olhar do Outro? Quando, para o Outro, não sou Clarissa, e sim “a grávida”?

Nunca vivi uma vida tão focada no corpo como quando estive grávida. Nunca me senti tão invadida pelo olhar do Outro quanto durante minha última gestação, em que estava em um contato direto e diário com centenas de pessoas diferentes. Foi uma experiência interessante, do ponto de vista antropológico (cansativa, do meu ponto de vista), que me colocou em constante choque com a definição do Outro dada sobre mim. Ao mesmo tempo, era como se eu, como visível, tivesse sobre o vidente um efeito de intimidação.

É claro que é legal, é diferente, e cada mãe tem um relato seu sobre isso. Mas não quero falar na experiência da gravidez em si, ou das transformações vivenciadas pelo corpo nesse processo, mas sim focar no constante choque, violento para mim, entre o que eu aparentava ser e o que eu sentia que era. Entre a definição dada pelo Outro e a auto-definição que construí ao longo de trinta e tantos anos havia um abismo. E eu achava muito injusto quando ouvia comentários que, na minha visão, me desconstruíam. Como quando uma aluna, sem me ver, disse a uma colega: “Tó, entrega prá grávida”. Ou quando fui agraciada com o comentário “ahhh, agora sim você está com cara de grávida: está enfeando”... Ou “nossa, por que sua barriga está assim?” (sim, tinha vontade de andar com um livro de reprodução humana na debaixo do braço tantas foram as vezes que ouvi isso). Os assuntos eram somente sobre como eu estava, como me sentia, como seria chamado o bebê, se eu havia planejado (!!!)... Muitas dessas perguntas eu também faço, lógico. Todos fazemos. Mas da minha experiência o pensamento que vinha era: “rasga o diploma porque por 9 meses ele não fará diferença alguma. Esquece tua história, foca na barriga!” E na cara, lógico.

No lugar em que vivemos hoje, na cidade, mais ainda na metrópole, a presença física inegável e objetiva do corpo por vezes diminui a importância emocional do Outro humano.

A ironia disso é que não conseguimos simplesmente soltar a mão do Outro e caminhar sozinhos: continuamos a precisar do reconhecimento do Outro para estarmos seguros de nossos ideais de Eu. É um exercício constante de negociação.

Entre achar uma roupa que me servisse (que servisse já estava bom, porque eu já tinha abandonado a questão do gosto no terceiro mês), tapar o que dava e tentar parecer inteligente escrevendo artigos eu passava o dia bastante ocupada. E com sono, lógico. Queria publicar, dar aulas muito dinâmicas, subir as escadas do prédio C, pegar o elevador lotado, tudo para que a identidade *grávida* não sobrepusesse as demais identidades que ao longo dos anos construí, boas ou ruins, mas com as quais me identificava há mais tempo.

É claro que aqui há uma visão pessoal, minha, particular, sobre essa experiência. Não quis fazer terapia coletiva, mas apontar para a influência do olhar do Outro na identidade do Eu. Não me referi à formação da subjetividade na primeira infância, mas à constante desconstrução e reconstrução do Eu pelo olhar do Outro. Reconheço que minha fala não deixa de ser uma contribuição autobiográfica. Mas toda reflexão é assim, em maior ou menor grau. As teorias que aparecem nos livros são também, por vezes, autobiográficas. E mais do que um depoimento, quis trazer aqui uma reflexão que busca desmistificar a ideia de que o Eu e o Outro são feitos nos livros. Os trabalhos aqui apresentados apontam para essa cotidianeidade mundana da relação Eu/Outro. A minha contribuição também. Como bem apontado na fala de Pedro de Santi, “tudo está em curso, nada está parado”. Com a história, no nível macro, e com a gente mesmo, no nível micro. E não é o micro que faz o macro?

Findada a gestação, quando meu filho tinha uns 4 ou 5 meses, meu celular tocou. Número bloqueado. Meu filho chorava enlouquecidamente em meu colo e eu nem conseguia escutar o que se falava do outro lado da linha, só entendi que era da ESPM. Minha insistência insana em seguir a conversa e o choro de meu filho foram vencidos pelo bom senso do meu interlocutor: Pedro desliga, constrangido. E eu nem tinha entendido que era o Pedro. Eu só queria mostrar que ainda era Eu mesma...



O OUTRO NO IMAGINÁRIO

Guilherme Mirage Umeda

Discussion
Paper

ESPM

Parece haver razoável consenso hoje nas ciências humanas sobre a importância do outro em nossa própria constituição psíquica, identitária e cultural. Não tanto como conceito, mas antes como estrutura de pensamento, o outro é aquele por meio de quem nos pensamos; são os parâmetros pelos quais nos definimos, o esteio de nossa humanização, o fundamento de nossa individuação. Ou seja, todo esforço de compreensão acerca de quem sou passa pela presença incontornável desse outro – ou na síntese eloquente de Rimbaud: *J'est un autre*, “eu é um outro”.

No entanto, essa presença do outro não se dá sem conflitos. Isso porque o outro representa, simultaneamente às possibilidades de expansão do ser, um agente de resistências, agressões e incompreensões. Ao mesmo tempo, o outro aplaca e aprofunda nossa solidão: compartilhamos o mesmo mundo, habitamos a mesma paisagem; mas com frequência, vemos constituir-se entre nós uma barreira aparentemente impenetrável. Desse isolamento, decorrem as maiores tragédias humanas, tanto num plano privado quanto numa escala social e histórica. Os mal-entendidos, os preconceitos, os etnocentrismos, os xenofobismos, os genocídios decorrem todos desse fracasso de reconhecimento do outro ou da legitimidade de seu existir.

Cabe aqui frisar que o outro é uma categoria que só nasce a partir da definição do eu próprio ou do nós próprios. “Outro” não existe por si só; ele é sempre atribuição de uma consciência que, em certo momento, designou-se como “si”. É bastante difícil imaginar-se como outro, ainda que esse seja um exercício fundamental de compreensão e de empatia.

Há diversas abordagens possíveis para pensar na forma com que designamos e nos endereçamos a esse outro. Queria aqui sugerir um caminho – muito limitado, por sinal – ancorando-me sobre as teorias do imaginário. Assumo aqui a perspectiva lançada pelo pensador francês Gilbert Durand, que há cerca de 50 anos escreveu uma obra fundamental para esse campo de estudos, chamada *As estruturas antropológicas do imaginário*.

Nesse livro, Durand lança as bases do que chamou de uma arquetipologia geral das imagens, separando-as em dois grandes regimes: o diurno e o noturno. Não pretendo aqui me estender sobre essa divisão, nem sobre os fundamentos conceituais que balizam essa classificação. Porém, acho necessário contextualizar a sequência dessa fala no grande quadro do imaginário durandiano.

Para Durand, o imaginário é um conjunto relacional de imagens por meio do qual atribuímos sentido ao que nos cerca. Essa busca de sentido, condição existencial do

homem, está intrinsecamente ligada à consciência da finitude da experiência humana e dos desafios enfrentados nesse trajeto. As imagens materializam uma espécie de gesto diante das faces do tempo.

No regime diurno, estabelece-se uma constelação de imagens antitéticas, ou seja, de oposição e separação. São estruturas simbólicas que Durand denominará de “heroicas”, fundadas sobre a conquista ou a eliminação. Já o regime noturno congrega as imagens eufemísticas de assimilação, mergulho, união, fusão. Trata-se de uma inversão afetiva das imagens combatidas no regime diurno.

Durand demonstra que a angústia diante das faces (ou da passagem) do tempo podem ser materializadas em três tipos de símbolos: os teriomórficos (imagens de bestas ou monstros), os nictomórficos (ligados à treva) e os catamórficos (imagens de queda). Na estrutura heroica, esses símbolos são duramente combatidos, como numa espécie de afirmação da vida sobre a morte.

Volto aqui à discussão sobre o outro, detendo-me apenas sobre um grupo específico de imagens, dentro do regime diurno, que são os teriomórficos. Chama a atenção o fato de que o outro seja frequentemente ligado à imagem de animais. É certo que valorações positivas também podem ser estabelecidas nas metáforas dos animais, como a realeza do leão. Porém, quando se diz que o rei é glorioso como o leão, trata-se mais de uma personalização do comportamento animal do que o contrário. Já quando a valoração é negativa, de ameaça ou desprezo, a metáfora animal é marcante pela sua bestialidade, pela ausência do humano.

A woman in silhouette stands on a high-rise building, looking out over a cityscape. The image is overlaid with a semi-transparent red filter. The woman is positioned in the center, with her back to the camera. The city below is a dense urban area with many buildings. The sky is a pale, hazy blue.

*A CIDADE COMO HABITAT DO
HOMEM COMUM*

Christiane Coutheux Trindade

Discussion
Paper |

ESPM

A igreja St John the Baptist, localizada em Burford na Inglaterra é datada de 1175. Ao longo de mais de oito séculos de história, a construção foi cenário de contínuas intervenções e ampliações, ainda que depois de 1500 sua forma tenha se mantido bastante inalterada. Como uma igreja tipicamente medieval, desconhece-se os agentes envolvidos em sua construção: de quem é o projeto original?; quem executou a obra?; quem financiou?; quem a expandiu?. Como nos assegura Julián Marías, as igrejas medievais estavam ocupadas em glorificar Deus e a Igreja; eram obras da comunidade.

Se viajarmos até Barcelona e mirarmos a Sagrada Família, também veremos que está em contínua construção. A primeira pedra foi colocada em 1882, a partir do desenho do arquiteto Francisco de Paula del Villar y Lozano. Todavia, no ano seguinte, por divergências com os promotores da obra, Lozano se desliga do projeto e Antoni Gaudí assume a direção. O prédio sofreu danos durante o período da Guerra Civil Espanhola, mas desde 1883 a construção do templo não parou. Nesses quase 150 anos de história, a Sagrada Família continua a seguir à risca o projeto de Gaudí, embora muito do material do artista tenha sido destruído durante a guerra.

Por que, em uma comunicação que se propõe a pensar o homem comum na cidade, estamos a falar de construções de Igreja? Compará-las é evidenciar uma das profundas diferenças trazidas a partir da Modernidade: a precisão da autoria. Gradualmente, a história ocidental testemunhou o nascimento do indivíduo, antes oculto nas festas comunitárias medievais. Ao nos deter brevemente sobre a igreja de Burford e de Barcelona, fica evidenciada essa diferença. É tipicamente uma preocupação moderna datar, nomear, controlar, e, assim, destacar a presença do indivíduo. Mãos anônimas projetaram por séculos a igreja inglesa. Ela permanece, sólida pelo tempo, ainda que as centenas de milhares de personagens que a vivenciaram há muito tenham perecido. A autoria de Gaudí parece estar protegida de um tal olvido: Gaudí é festejado, simboliza toda a cidade. Assim, desde a modernidade, nos acostumamos a valorizar e destacar o indivíduo.

Estranhamente, a mesma Modernidade forjou a vida nas grandes cidades e lá o indivíduo se viu perdido por aglomeração. O crescimento da vida urbana veio acompanhado de tensões entre indivíduo e massa social. Escondidos em automóveis, telas e passos apressados, as pessoas vivem diariamente a contradição de, mesmo juntas, se isolarem. Testemunhamos o desenraizamento das relações ao mesmo tempo em que alargamos as possibilidades de contato.

A cidade parece se ressentir do anonimato de seus habitantes. Ao mesmo tempo em que oferece refúgio nesse ocultamento da vastidão, continua a cultivar o fetiche da ce-

lebridade, da genialidade, do único. Ninguém quer ser mais um; ninguém quer ser comum. Mas é justamente no território comum que nos encontramos cotidianamente, como iguais, ainda que diferentes. Nesse sentido, é o ser comum que nos torna justamente os habitantes da democracia. Ela é pensada não para o especial ou o expert, mas para que o povo conduza suas decisões e partilhe suas experiências.

Enquanto nos seduzimos pela ideia do extraordinário, olvidamos justamente de que somos comuns e lutamos historicamente para o sermos. Esquecemos que o comum assegura a possibilidade de nos comunicar, de com o outro coabitar as cidades. É o comum também a morada do singular quando tomamos a diminuta existência humana no tempo do mundo.

The background is a complex, layered composition. It features several large, semi-transparent human profiles in shades of red and orange, facing each other. Overlaid on these are various mechanical and directional symbols: gears of different sizes, solid and dashed arrows pointing in various directions, and circular icons containing symbols like a plus sign and a left-pointing arrow. The overall color palette is dominated by warm tones of red, orange, and brown, with some cooler blue and purple accents in the lower right quadrant.

CIÊNCIAS SOCIAIS HOJE

Carlos Frederico Lucio

Discussion
Paper |

ESPM

Quando se fala da contribuição das ciências humanas para pensar o mundo dos negócios, em particular, o universo das empresas, quase sempre se é levado a pensar nas grandes contribuições que a Psicologia proporcionou (e proporciona) para o ambiente corporativo. Como geralmente as pessoas associam ciências humanas a comportamento, essa reflexão recai mais especificamente sobre a área de RH. Outra área relevante é a economia, cuja relação com o mundo empresarial é mais que evidente. No entanto, pensando no rol das ciências sociais como um todo, para a maioria das pessoas, essas contribuições não são assim tão evidentes.

As ciências humanas são propensas a uma confusão entre o que é opinião e o que pode (e deve) ser considerado com uma validade para além da visão do sujeito. Discussões epistemológicas altamente especializadas à parte, um dos pontos mais difíceis neste processo é fazer o leigo na área compreender, em primeiro lugar, o caráter de “ciência” desses campos do saber, incluindo aí, as demais ciências do homem (o que foi bem explicitado pelo meu colega Pedro de Santi em sua fala). Em segundo, quais são, de fato, as especificidades de cada um desses campos e suas principais distinções. Há algum tempo, em minhas aulas, venho procurando construir, junto com os estudantes, algumas especificidades, diferenças e distinções focada nas ciências sociais. Quais seriam as semelhanças e diferenças entre a Sociologia, a Ciência Política e a Antropologia (pelo menos essas três áreas consideradas “mães” das demais ciências sociais)?

Para o especialista, é claro que o que se afirma como ciência nada tem a ver com uma defesa do viés positivista (uma área que afirma verdades, leis, determinismos e que tais; que demanda comprovações e explicações lineares e pretensamente cabais – do contrário, não são válidas; completamente isenta de subjetividade). Assim, ao mesmo tempo em que sabemos que aquilo que, por exemplo, é afirmado por um antropólogo sobre construção de gênero, ou pelo sociólogo com relação à violência, não é meramente uma sua opinião; tampouco, refere-se a uma verdade demonstrável por métodos pautados pelo rigor das ciências da natureza. Mas, não por isso deixa de ter sua validade objetiva, ou seja: algo que pode vir tanto de constatações sobre os fundamentos da realidade do objeto investigado quanto do confronto de subjetividades a respeito de uma mesma realidade. Verdade objetiva não significa verdade absoluta. Significa uma afirmação que procura estar colada ao objeto com o máximo de proximidade possível, ao mesmo tempo em que se coloca como o mais isento possível da presença do sujeito. Uma afirmação cuja validade transborda a mera “opinião” focada no sujeito. E o que propicia uma certa garantia e consistência para esta objetividade é o método. As ciências sociais se construíram com métodos que permitem oferecê-la (em maior ou menor grau, em níveis e/ou dimensões relativas – mas nem por isso subjetivas), ao mesmo tempo que permitem

um certo grau de comparação entre pesquisas distintas sobre um mesmo objeto e até uma avaliação e/ou confirmação por terceiros dos resultados alcançados por elas.

O segundo ponto mais importante é tentar estabelecer as distinções entre estas três áreas. Sabemos que a realidade produzida pelas sociedades humanas é um imbricamento de distintas dimensões e que, somente por razões de análise, procuramos separar. E isso é o que torna difícil o trabalho de tentar especificar cada uma das três áreas porque é sempre muito complexo estabelecer fronteiras claras onde termina uma e onde começa a outra. Nesse movimento, é preciso pensar quais são as suas possíveis contribuições para estudantes dos vários cursos voltados para negócios (mais especificamente, Administração, Publicidade e Marketing que são, em sim, “ciências sociais aplicadas”).

Em que pese um certo reducionismo de um texto neste escopo, vou tentar refletir rapidamente sobre esses três pontos a respeito das ciências sociais para esta área de formação: suas especificidades, suas distinções e suas contribuições.

Na mais clara herança durkheimiana, podemos afirmar que, genericamente, a Sociologia investiga os processos de interação social (tudo aquilo que diz respeito à construção e/ou desconstrução dos laços sociais). Chamo de fatores agregadores aqueles que são constituidores desses laços (como a família, a religião, a economia, a política, os grupos sociais etc.); fatores desagregadores seriam aqueles destruidores desses mesmos laços (como a guerra, a violência, a exclusão social, desordem, caos etc.). Nesse sentido, esta área de conhecimento tem contribuído muito para pensar tanto o universo empresarial em si mesmo (pensando as empresas como organizações como um cenário que produz conflitos, estratificações, relações hierárquicas, etc.) como o próprio lugar das empresas nas suas relações institucionais, seja na esfera do Estado, seja com as demais organizações, seja com a sociedade.

A Ciência Política, por sua vez, é a ciência social que se dedica a investigar as formas de poder construídas pelas sociedades e o seu exercício, nas suas mais variadas configurações de organização social. Inspirado no conceito de formas de dominação proposto por Max Weber, instruo os estudantes a pensar os poderes legítimos (aqueles que são livremente aceitos pela sociedade, por uma compreensão de sua necessidade para garantia da ordem – como por exemplo, as leis, as instituições, as autoridades religiosas, família etc.) e os poderes não legítimos (aquelas formas de poder que, não aceitas pela sociedade, são impostas a força – como nos regimes totalitários, por exemplo). Do mesmo modo, contribui para pensar o jogo de poder que ocorre no interior das organizações como o papel que empresas e empresários tem tido no cenário político dos

países e no contexto internacional em tempos de globalização. Governos são instituídos e destituídos conforme o jogo de interesses empresariais nos mais variados campos.

Finalmente, a mais desconhecida (pelo menos pelo leigo) das ciências sociais, a Antropologia investiga aspectos que estão relacionados à construção da diversidade tanto biológica quanto cultural dos grupos humanos. Com relação à diversidade biológica, investiga os tipos biológicos humanos e, inclusive, se é possível falar de “raças” humanas e as consequências disso; sobre a diversidade Cultural/Social, investiga a enorme variedade e diversidade das configurações socioculturais dos agrupamentos humanos e suas distintas manifestações simbólicas que, resumindo, seria o complexo fenômeno da cultura. Toda organização empresarial é uma micro-sociedade que produz cultura. Ao mesmo tempo, elas fazem parte de um contexto bem maior que é a chamada sociedade de mercado ou sociedade capitalista. Assim, não podemos nos furtar de pensar que, se a nossa sociedade ocidental é chamada de “sociedade capitalista”, de alguma forma o capitalismo, que originalmente é concebido como um sistema econômico, tornou-se a própria identidade construída sobre nós mesmos. Ou seja, diferentemente da tradicional abordagem econômica, toma-se o capitalismo como um sistema simbólico e cultural que imprime nas pessoas modos de pensar, valores e crenças, configurando a teia de significações (à la Clifford Geertz) que são tecidas nas sociedades chamadas “modernas” e que servem como referência para o agir (presente e futuro) de seus integrantes. Nas palavras de meu antigo orientador (prof. Guillermo Ruben, do departamento de antropologia da Unicamp), a partir do advento da modernidade, o capitalismo torna-se, pelo menos para a chamada sociedade ocidental, o eixo epistêmico que orienta valores e comportamentos, além de formas de organização, cujo modelo central são as empresas (igrejas, clubes de futebol, ONGs, partidos políticos etc., estão organizados segundo a lógica construída pelas organizações empresariais). Ao mesmo tempo, cria estratificações sociais, grupos identitários, relações de poder e dominação o que torna sua realidade altamente complexa. Esta dimensão cultural do capitalismo foi colocada em bastante evidência pelo fenômeno da globalização.

A partir do final do século XX, não é possível tornar-se um profissional especializado no mundo corporativo (não importa que carreira se escolha), sem ter em mente todo esse emaranhado que acaba envolvendo de forma direta ou indireta (às vezes mais direta do que gostaríamos) as empresas, empresários e pessoas ligadas à esfera empresarial. Um exemplo é o caso, vivido pelo Brasil atual, das investigações da operação Lava-Jato: empresas e empresários (de publicitários, profissionais de marketing, gestores, diretores, industriais etc.) envolvidas em escândalos de corrupção, dilapidando patrimônio público, com executivos presos, perdendo substantivamente valores de suas ações no mercado

financeiro; ou mesmo o caso gritante da Samarco/Vale do Rio Doce (que neste dia 05/11 completou 1 ano) em que o maior crime socioambiental já cometido no Brasil (e considerado um dos maiores do mundo) por irresponsabilidade e negligência criminosa expôs uma intrincada rede de promiscuidade entre o poder das grandes corporações e o Estado no Brasil. O mundo corporativo coleciona escândalos como estes que se multiplicam pelo mundo e que envolvem um intrincamento complexo de variáveis que extrapolam em muito o universo estrito do mundo dos negócios.

Finalizo evocando um paralelo com as palavras de Claude Lévi-Strauss a respeito dos mitos, quando ele responde à pergunta “pra que servem os mitos?”: os mitos são bons para pensar. Não pensar “sobre algo”, mas “pensar!”. As ciências sociais (e as ciências humanas, por extensão), são boas para nos fazer pensar (aqui, não somente o pensamento em si, mas o pensamento sobre este complexo da realidade social que envolve formação de grupos, jogos de poder, visões culturais etc.). E, se saber pensar com sofisticação, qualidade, profundidade e densidade é um dos requisitos fundamentais para nos definir como seres humanos, é ainda mais necessário para se ter uma visão estratégica num mundo cada vez mais complexo, dinâmico e desafiador.

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 4, n. 8, 2016